

O CANTINHO DO OLHAR

POR SUZANA MONTORO*

Teria sido impossível dizer não ao menino. Principalmente um menino como Fábio que apesar dos quatorze anos recém feitos, já mostrava na expressão a palidez insípida que a maturidade traz. O olhar era raso mas os olhos, de um verde profundo, eram como um mar que mostra, desde a superfície, os cardumes de peixes e os búzios em todas as suas cores. Assim eram os olhos de Fábio, um vasto mar em calmaria. Mas havia bem lá no cantinho, tentando disfarçar, uma inquietude, uma ansiedade à espreita. E quando ele me pediu autorização para faltar ao trabalho na sexta-feira, era com essa borda aguda de olhar que ele me indagava. A placidez da suposta maturidade havia sido atropelada pela voracidade do menino. Os olhos abertos, inquisidores. Impossível dizer não àquele momento, não havia recusa plausível diante da vida que saltava da esquina do olhar de Fábio. Vai menino, vai fazer a tua viagem, foi o que eu disse. E aí o cantinho do olhar dele se espalhou pelo olho inteiro, como um animal enjaulado que descobre uma brecha nas grades e lança o corpo num mergulho fluido em busca da liberdade. Agradeceu-me satisfeito e disse que iria conhecer o mar. Surpresa, eu sorri, desejei-lhe uma ótima viagem e retomei o trabalho.

Mas foi difícil voltar aos papéis. O olhar de Fábio havia se transbordado e a vida derramara-se pelos quatro cantos do escritório. Eu já conhecia o mar mas nem me lembrava da primeira vez em que o vira. Passei boa parte do dia refazendo o caminho da memória que me levava para beira-mar e mergulhando em cada sensação que a lembrança despertava, no cheiro salgado da maresia, no marulho que penetrava nas dobras pegajosas do lençol, no ar esbranquiçado que envolvia as tardes marinhas e numa densa neblina que certa vez durou uma tarde inteira. Um dia desses vou à praia, foi o que pensei antes de retomar o trabalho e nem me lembrei mais do assunto até sexta-feira, quando precisei de Fábio e alguém me avisou da sua ausência. Ah, claro, a viagem, o mar. Olhei o tempo lá fora e lamentei a manhã chuvosa, um céu tão cinza, péssimo para conhecer o mar, na minha concepção. Mas não para Fábio.

Os amigos contam que já no ônibus, a caminho do litoral, Fábio estava eufórico, não parava de falar um instante sequer. Quase todos enjoaram com as curvas da estrada e a fumaça dos caminhões descendo a serra, exceto Fábio que parecia alheio ao ordinário. A paisagem era cinza e úmida mas Fábio comentava sobre a enorme esfera alaranjada do sol que lhe ofuscava a vista. Os amigos se entreolhavam intrigados, não havia nenhuma brecha de azul no céu, nenhuma pontinha de sol, apenas na cabeça de Fábio. Mas eles não sabiam do cantinho do olhar do amigo que havia tomado conta do olhar inteiro e extravasado os limites da vista, da fera enjaulada que já se lançara para além das grades, da ânsia que tinha traspassado os contornos da vida pacata de Fábio. O sol era só dele, assim como o mar era só para ele.

O dia cinzento daquela sexta-feira compusera um mar turvo e mais agitado do que o usual. Havia um pouco de mormaço além da umidade da maresia branqueando a vista. O mar, o céu e a areia se confundiam num cenário de mesmo tom e densidade. A praia vazia, as ondas que chegavam uma trás da outra, o assobio do vento, tudo misturado ao vozerio dos meninos, excitados. Eles tinham o dia inteiro para se divertir e durante muito tempo correram pela praia, rolaram na areia, cavaram buracos e túneis, construíram castelos que enfeitaram com uma enorme quantidade de conchas que o

mar sacudia, chapinharam na orla se lambuzando de água e sentindo o gosto salgado da espuma se desfazendo ao contato dos corpos.

Estava morno o mar, eles contam.

Nenhum deles sabe precisar por quanto tempo estiveram brincando mas todos se lembram que Fábio era o que mais corria, pulava, gritava excitado e se deliciava com a água que jogava de encontro ao corpo, lambendo as mãos para provar do sal e esfregando a vista quando a água lhe entrava nos olhos. Logo Fábio, sempre o mais sério de todos, pouco dado a repentes de euforia era, naquele momento, quem mais se entregava. Inteiro e cego, sem meias nem medidas. A entrega sem limites.

E foi assim que os amigos, já exaustos no fim da manhã, viram Fábio ir caminhando para dentro da água, em passos lentos mas decidido como se pisasse em terra firme, parecendo alguém que vai só até ali buscar alguma coisa que avistou e aí já não se sabe que coisa foi essa que Fábio viu e foi buscar, que apelo sem volta ele atendia e que foi mais alto do que o berreiro dos amigos chamando-o de volta, dois deles até se arriscaram para dentro da água mas as ondas eram enormes e o mar não lhes acolhia como ao amigo que ainda afundou uma vez, duas vezes, até um redemoinho envolvê-lo e seu corpo começar a girar e girar em meio às ondas concêntricas que rebentavam sobre si mesmas, o torvelinho espumoso estreitando o círculo onde o corpo de Fábio ia rodopiando, rodopiando enquanto o mar se alvoroçava numa dança frenética e quando uma onda subiu acima de todas e com sua crista encobriu os horizontes, ninguém pôde enxergar mais nada além da superfície túrbida das águas.

Da mesma maneira que eu não pudera dizer não a Fábio três dias antes, também não pude deixar a mãe dele sozinha naquela praia, aonde ela foi logo que soube do desaparecimento do menino. Ao vê-la, toda ela condensada na urgência, uma corda vibrando num único e agudo tom, não pude pensar em nenhuma maneira melhor de passar a noite que não fosse estar lá, na praia escura, ouvindo, além do quebrar estrondoso das ondas, o desafio silente da mãe de Fábio estática em frente ao mar, o olhar fixo e altivo para o abismo de águas como se estivesse a exigir de volta o que lhe era de direito, o filho desafogado do profundo do oceano.

A noite por fim se desfez e como uma bruma na serra que ao dissipar-se nos revela a dimensão do abismo, os primeiros clarões do dia divisaram um mar assustadoramente plácido. As águas encapeladas se alisaram de uma maneira tal que dava a impressão de ser possível caminhar sobre elas. Talvez fosse essa a intenção de Fábio no dia anterior, talvez com a extremidade do olhar ele estivesse vendo, para além das águas crispadas, um enorme tapete estendido à sua frente, um convite para adentrar na imensidão esverdeada. Essa mesma imensidão que às primeiras horas da manhã trouxe-o de volta para perto da mãe, o menino enleado nas malhas salgadas de uma enorme rede, junto a peixes, algas e conchas, o restolho sacudido que o mar devolvia de suas profundezas. Assim voltava Fábio, repetindo inerte o movimento de ir e vir das marés.

Como quem revolve a terra com as mãos em busca de um tesouro, assim eu vi a mãe de Fábio enfiar os dedos em meio às tramas da rede e, uma Parca ao revés, ir destrançando os fios que sustentavam o corpo do filho, um trabalho lento e meticuloso mas executado com a destreza de um cirurgião, parecendo que dissecava veias e interrompia, ela mesma, o fluxo da vida. Depois, tomando o filho nos braços, caminhou em direção ao mar e devolveu para as águas o que das águas tinha vindo, o corpo de Fábio, quase intacto: apenas as unhas estavam levemente arroxeadas e nas órbitas, ao invés de olhos, haviam dois enormes buracos por onde entravam e saíam inúmeros e diminutos camarões cor-de-rosa, o desenredo da vida reinando no cantinho do olhar de Fábio.